



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

AUA CASSAMÁ

**CLAREAMENTO DE PELE NA GUINÉ-BISSAU:
UM PROBLEMA IDENTITÁRIO E DA SAÚDE PÚBLICA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

AUA CASSAMÁ

**CLAREAMENTO DE PELE NA GUINÉ-BISSAU:
UM PROBLEMA IDENTITÁRIO E DA SAÚDE PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), sob a orientação do Prof. Dr. Ismael Tcham como requisito para obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

AUA CASSAMÁ

**CLAREAMENTO DE PELE NA GUINÉ-BISSAU:
UM PROBLEMA IDENTITÁRIO E DA SAÚDE PÚBLICA**

Este projeto de pesquisa foi apresentado na Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em 20 de Março de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ismael Tcham

Orientador/a – Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Caterina Alessandra Rea

Examinador/a - Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto

Examinador/a - Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira

Dedico esse trabalho a minha irmã Francisca Cassamá *in memoriam* e a meu sobrinho Kevin *in memoriam*, com todo meu amor e gratidão. É com lágrimas nos olhos que escrevo essa dedicatória. Me despedi de vocês com a mão esquerda com intuito de voltar a vos recontrar e vos abraçar apertando com a mão direita enquanto seguro na mão esquerda o meu troféu de estudo. Mas nem sempre as coisas acabam sendo como desejamos. Infelizmente, vocês não estão presentes, fisicamente, nesse momento importante da minha vida, mas acredito que, no lugar onde vocês estão, vão orgulhar e vibrar comigo por essa vitória. Os verdadeiros nunca morrem, só ficam invisíveis.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a mim por ter tomado as rédeas desse meu sonho de adquirir conhecimentos (formar), pela coragem de abrir a mão de tudo e todos (família), atravessar o oceano com fé e determinação de nunca desistir dessa luta, por mais que eu volte cheio de cicatrizes depois de vencer cada batalha dessa caminhada. Agradecer à minha mãe, Cumba Buaro, que por mais distante que esteja, sempre me apoia no que der e vier, ao meu namorado e amigo incrível, Lauro Cardoso por cada momento vivido, apoio, respeito, cumplicidade e sentimento recíproco que tem compartilhado comigo, por me dar forças e por desdobrar o esforço em ajudar a elaborar esse trabalho (vencer essa etapa), e sem esquecer a bênção, a criatura maravilhosa nascida do amor divino: Okiri. O fruto do nosso amor, filho, desde primeiro dia que seu corpinho foi colocado nos meus braços que você fez de mim a mãe mais abençoada, és a minha maior riqueza, minha maior força e inspiração na vida. Ao professor e orientador Ismael Tcham, pelo incentivo à pesquisa, e sem esquecer o meu irmão Calido Mango, graças a você conheci e me escrevi na Unilab, e hoje estou me formando, sem esquecer a madrinha Renata, maninho Mamudo, Aladje Bua, Dauda, Marcos, sobrinha Sintia, Dairine, Husani, Terezinha, Aua, Manu, Natalia, Jaina, Daniel, Bernardo e Bati também sempre presentes na minha vida. Agradeço a todas e todos outros, que de alguma forma contribuíram direta e indiretamente, para a realização desse trabalho.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	PROBLEMA DE PESQUISA	8
3	OBJETIVOS	10
3.1	OBJETIVO GERAL	10
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
4	JUSTIFICATIVA	10
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
6	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
7	CRONOGRAMA	18
	REFERÊNCIAS	19

1 INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau possui no total, aproximadamente, 1.833.247 de habitantes conforme o censo de *CIA - World Factbook* realizado em julho de 2018, sendo que, na capital Bissau, existe cerca de 558.000 cidadãos (as). Nesse país, tanto os homens como as mulheres fazem o uso de cosméticos clareadores de pele, mas o nosso foco principal dentro do projeto, recai mais sobre as mulheres residentes na capital desse país da África ocidental. Desse modo, o presente projeto de pesquisa busca compreender de que forma esse processo afeta a construção e reconstrução da identidade negra nesse país, articulando também com a problema de saúde pública.

Em um universo composto por mais de 500.000 habitantes, ainda não se sabe qual a percentagem concreta de indivíduos que utilizam cosméticos como: *Caro White*, *Perfetcwhite*, *Bio Claiz*, *Eclaircissant Larissa* e etc, com a finalidade de alteração epidermica, pois, apenas sabe-se que nesse universo de pessoas que recorrem a esse procedimento, há uma quantidade significativa de mulheres que se submetem à essa prática. Entretanto, nesse projeto de pesquisa pretendemos investigar as razões ou implicações sociais e culturais que levam ao clareamento da pele em nosso país.

Para Munanga (2012), a mudança de coloração da pele negra como pensa-se a forma em que a situação colonial se perpetua, fabricando uns aos outros, para esse autor, historicamente, advém de duas tentativas que foram observadas: a primeira consistiu no motivo de clareamento quando a elite negra alimentava um sonho de ser branco, e a segunda assemelha-se tanto quanto possível a ideia de se transformar no próprio branco (MUNANGA, p. 37 e 38).

De acordo com Munanga (2012), para chegar a isso, pressupunha-se a admiração da cor do outro, o amor ao branco, aceitação da colonização e a auto-recusa da sua cor. Isto porque, segundo Fanon (2008) há um complexo de sentimentos que vão da vergonha ao ódio de si mesmo. O clareamento do negro realiza-se-á principalmente pela assimilação dos valores culturais do branco. Entretanto, apesar desta hipótese da herança colonial que marca as sociedades das ex-colônias em África que, em parte pode explicar as causas desse ato de clareamento epidermico, parece que, isso não é o único motivo das pessoas decidirem usar vários produtos de clareamento.

Desse modo, não se pode descartar o perigo identitário de diluição simbólica da inferioridade no ato em si ou da ideia de transformação em branco pela posse sexual, ou ainda a possibilidade de melhorar a raça através de uma progenitura mestiça. Importa salientar que,

essas práticas são mais vistas em mulheres com idade de 20 á 50 anos, pois, algumas delas são as que já viveram um determinado tempo no Senegal, que é um país vizinho, onde a maioria desses produtos de clarear a pele, mencionados no começo, são fabricados. Desse modo, a proposta deste projeto é contribuir com reflexões acerca desse processo silencioso, porém, problemático, devido aos impactos sociais e culturais profundos, e com os efeitos evidentes sobre o corpo humano.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Em qualquer sociedade, existem disputas de identidades. Conforme Silva e Hall (2014) a disputa pela identidade está envolvida numa amplitude de recursos simbólicos e materiais da sociedade. Nesse caso, a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. Isto porque, a identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com as relações de poder, ou seja, o poder de definir a identidade e de marcar a diferença que não pode ser separado das relações mais amplas de poder, pois há uma demonstração do jogo de interesse, poder e privilégio por detrás da problemática da identidade e da diferença.

A problematização desta proposta de pesquisa começa com a constatação de que, no caso da Guiné-Bissau, concretamente em Bissau, até a primeira metade dos anos 80 do século XX, a coloração da pele não figurava como prática que preocupasse a sociedade ou as autoridades nacionais, nomeadamente, vinculados ao sistema de saúde no país. Porém, a prática de clareamento da pele começou a receber notoriedade a partir dos anos de 1990, com o intenso processo da migração dos guineenses para o Senegal, assim como, devido a constituição da diáspora guineense naquele país vizinho e de constante fluxos e circulação de pessoas, na sua maioria mulheres, entre o Senegal e Guiné-Bissau. Dessa forma, surge as primeiras práticas ou tentativas de mudar a coloração da pele através do uso de produtos cosméticos como *cremes*, *sabonetes*, entre outros produtos fabricados nesse país vizinho, sendo que, na atualidade, isso transformou-se numa demanda que tende a se afirmar como hábito.

Diante desta realidade, constrói-se as seguintes perguntas de partida: quais as razões objetivas e subjetivas que determinam o fato coloração da pele? De que forma, o estado encara este fenômeno como problema da saúde pública? Até que ponto tais práticas afetam a

identidade de um povo e de uma nação? Para Munanga (2012), o processo de construção da identidade negra nasce por intermédio da tomada de consciência das diferenças entre “nós” e “outros”, na medida em que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos/as os negros/as, considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados. Em outras palavras, isso quer dizer que percebemos as nossas diferenças através de uma outra pessoa, detentora de uma outra construção identitária.

Em parte, não podemos negar que a problemática da coloração da pele tem vínculo com a colonialidade da estética. Contudo, podemos afirmar que pouco ou nada existe de discussão sobre a temática racial e identitária no contexto guineense, sendo quase raro os confrontos em torno de situações que podem ser caracterizadas como discriminação racial ou preconceito da cor. Embora, existam expressões que destacam o lugar do outro na sociedade guineense, tais como: “*i no branco*” que quer dizer “é nosso branco”, o termo que é usado para referir ou elogiar uma pessoa inteligente ou educada, como se o negro (a) não pudesse ser inteligente ou educado (a) daquela forma.

Outra expressão comum na língua mandinga: “*sasaboró i ka pirsis luz, nin si na sukuru i ta sindi*”, que significa “mulher de pele clara, não precisa da luz, mesmo no escuro ela acende”. A título de exemplos, também podemos trazer outras expressões como: “*sin iangasa mindjer branco ke kun na fasi ku preto? Brancos ta dau dinheiro e kaba e ngodau*”, que significa “se eu tiver mulher branca, o que vou fazer com negra? As brancas te oferecem dinheiro e depois ti mimam”, e outra expressão, “*bu na kompara djiresa di branco ku di preto?*”, que significa “vais comparar a inteligência de um branco com de preto”. Esses discursos demonstram de alguma forma, o lugar central da raça na sociedade guineense, tendo os efeitos na feminilidade do corpo e no imaginário da mulher negra.

O padrão de feminilidade parece estar atrelado à imagem eurocêntrica de mulheres brancas, na medida em que o racismo colonial incorporou-se tão naturalmente nos gestos, nas palavras e até mesmo naquelas frases mais banais, que demonstram constituir uma das mais sólidas estruturas da personalidade colonialista. Tendo em conta que, a desvalorização e a alienação de negro/a estende-se a tudo aquilo que lhe toca: o continente, o país, as instituições, o corpo, a mente, a língua, a música, a arte e toda a cultura em si (MUNANGA, 2012, p.33).

Assim, acreditamos que, a presente proposta de pesquisa pode permitir não apenas iniciar as reflexões acerca do clareamento de pele, mas também pode ajudar na articulação analítica que traz à tona diversos questionamentos sobre o racismo estrutural na Guiné-Bissau,

e como ele dinamiza as relações sociais no nosso país, sobretudo, ao entendermos o que é ser negro no contexto guineense e qual o peso da cor da pele na construção da guineandade.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as causas sociais e históricas que determinam e estimulam o clareamento da pele negra e suas implicações nos processos identitários da nação guineense.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os aspectos históricos da formação social do país, para situar o lugar da cor negra na construção da identidade na Guiné-Bissau.
- Avaliar a ação do estado face ao crescente aumento do clareamento da pele, percebido, também, como uma questão de saúde pública.
- Examinar a crescente participação feminina na prática do clareamento de pele, buscando a sua relação do gênero e de auto-estima da mulher.

4 JUSTIFICATIVA

Eu sou uma mulher negra e africana com auto-estima e orgulho. Pois, a minha mãe me contou que, com 4 anos de idade, eu olhava no espelho e dizia: “*Mma, ma mbrita ham*”! que quer dizer “Mãe, eu sou bem bonita”! Logo, fui crescendo e me orgulhando cada vez mais daquilo que sou, e tenho a minha consciência, essência, identidade, traços e a minha africanidade presentes no meu cotidiano. No entanto, parece que para muitos (as) ser negra tornou-se uma problemática ou desejo que levam a rejeitar o tom de pele, a ponto de querer assimilar a cor branca, através do clareamento de pele. Pois, essa baixa auto-estima ou baixa aceitação da cor negra, em ver as nossas mulheres tendo, por exemplo, problemas de saúde da pele (demora de cicatrização da ferida) por causa da fragilidade que a pele adquire por causa do uso desses produtos químicos, além do mau cheiro que provoca as alterações de tonalidades na cor, demonstram a preocupação fundamental desse projeto.

Assim sendo, não podemos deixar de ficar preocupadas, ainda mais nós, mulheres guineenses negras e universitárias, que precisamos lutar para combater essa prática, dado que, é necessário rejeitarmos coletivamente todas essas personalidades emprestadas cuja principal função só nos afasta daquilo que somos em termos de origem, ou seja, do nosso próprio eu cultural e identitário, da nossa condição de ser negra e também da desvalorização dos nossos símbolos mais íntimos relacionada a um grupo social e cultural. Por isso, justifica-se a realização desta pesquisa no intuito de, não apenas fazer a problematização teórica, mas também para ajudar na visibilidade dessa prática de clarear a pele que afigura, também como um problema de saúde pública.

Em nosso entendimento, este projeto torna-se relevante, visto que, pode apontar para questões importantes nas quais poderão orientar, por exemplo, o Ministério da Saúde para intervir e assegurar o bem estar das pessoas que são vítimas desse clareamento. Importa ressaltar que, não encontramos o registro de nenhuma ação pública de caráter interventiva por meio de campanha ou de sensibilização por parte do governo, tanto através do Ministério da Saúde, assim como da Câmara de Comércio. Apesar de desconhecermos a mediação governamental, por outro lado, conhecemos a ação de duas jovens mulheres guineenses preocupadas com essa causa. Por intermédio delas, surge a minha inspiração na construção desse projeto, reforçando a ideia de que não estou sozinha nessa luta.

Nesse caso, estamos a falar da Djacumbá Cassamá e Katy Teixeira, duas ativistas sociais e mulheres preocupadas com essa problemática, devido ao prejuízo que a prática de clareamento tem à saúde da mulher. Diante disso, elas criaram marcas como *Queend Karité* que surgiu em 2016, da Djacumbá e *Preta by Nuccy* da Katy, com a finalidade de valorização da identidade, estética e auto-estima da mulher guineense e promoção de produtos 100% natural com a premência de combater outros produtos químicos tóxicos das nossas correntes sanguíneas e conscientizar as pessoas acerca dos seus benefícios, que não alteram a cor da pele, mas sim, lhe torna mais forte, fina e protegida.

Desse modo, a escolha do tema dessa pesquisa se deu pela minha proximidade com a atuação dessas ativistas sociais, uma questão muito peculiar, que tem evidências muito claras no contexto desta investigação, pois, por exemplo, Djacumbá, criou um movimento chamado *Família Queend Karité e Origens*, como um movimento de resgate das origens e identidade cujo lema é empoderamento-mulher bonita, bonita sempre. Dentro dessa família, há relatos de histórias e experiências incríveis vividas e trocadas entre elas, e, comoventes, em que muitas mulheres se aceitam umas às outras, e unidas combatem a intolerância e o preconceito em relação aos traços africanos.

Esse movimento adota como procedimento a sensibilização e aconselhamento de mulheres, através de uma missão carismática de passar mensagens através de atividades como feiras culturais, palestras e suas páginas nas redes sociais, que contribuem para a exaltação da autoestima de outras mulheres, ao mesmo tempo em que, as incentiva a abraçar as suas origens, identidades e aceitar os seus traços físicos. A ideia é que essas mulheres se sintam lindas tal como elas são, pois, através dessas pequenas e grandes lutas, acredita-se na possibilidade de contribuir para combater essa prática do clareamento de pele.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse projeto é de caráter interdisciplinar com abordagem qualitativa centrada, em parte, no método da pesquisa bibliográfica, um procedimento segundo qual, Gil (2002, p. 33) caracteriza como um “conjunto de atividades que têm por finalidade a descoberta do estado da arte, novos conhecimentos no domínio teórico, científico, entre outras e é racional, sistemático que propicia a aquisição de respostas ou pistas teóricas ao problema proposto”. Para esse autor, a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído de livros, revistas, jornais, dissertações, teses, artigos científicos, ou seja, a pesquisa bibliográfica é o passo inicial na formação de um trabalho de investigação, depois da escolha do tema é necessário para fazer uma análise bibliográfica do tema proposto, que auxilia na fundamentação apropriada do tema.

Cervo e Bervian (1983) afirmam que, esse procedimento metodológico pode ajudar um/a pesquisador/a em chegar à diversas formas de abordagens ou entendimentos diferentes sobre um único assunto, além de projetar um histórico sobre o problema de estudo, a pesquisa bibliográfica pode também ajudar na identificação de contradições, pontos de concordância e respostas que foram encontradas anteriormente sobre as questões de partida. No presente trabalho, a pesquisa bibliográfica centrar-se-á na busca do aprofundamento teórico e conceitual de categorias analíticas do problema proposto, tais como: raça, identidade, cor, discriminação, saúde pública, entre outras.

A escolha da pesquisa bibliográfica para esta investigação deve-se a compreensão de ser a mais adequada porque pode facilitar para responder em parte às perguntas daquilo que estamos pesquisando. Contudo, parte desta pesquisa será realizada no campo. A mesma terá por base das entrevistas semi-estruturadas com as pessoas que clarearam a pele e os profissionais da saúde, com o intuito de coletar o discurso sobre a temática. Rodrigues (2009,

p. 52-53) pondera que, “a entrevista é a técnica utilizada pelo pesquisador (a) para obter informações a partir de uma conversa orientada com entrevistados (as) e deve atender a um objetivo predeterminado e ela deve ser planejada para que o/a pesquisador/a possa obter informações claras e objetivas”. Em relação a entrevista semi-estruturada, a mesma assegura algumas vantagens, tais como: “as técnicas da pesquisa semi-estruturada que apresenta como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre o entrevistador/a e o entrevistado/a favorece as respostas espontâneas, que também são possibilitadoras de uma abertura e proximidade maior entre entrevistador/a e interlocutores. Isso permite que o/a entrevistador/a aborde assuntos mais complexos e delicados. De acordo com Becker (1993), a entrevista semi-estruturada tende a dar aos envolvidos (as) na pesquisa, passos alternativos não estabelecidos, permitindo ao entrevistado (a) mais liberdade em suas respostas ou considerações.

Nesse caso, o trabalho de campo, envolve também o mapeamento dos produtos cosméticos clareadores de peles, para a análise técnica dos seus efeitos, contando com a colaboração dos profissionais da saúde, em que se pretende igualmente, estabelecer contato com ONG's que atuam na área da saúde no país, de modo a coletar os dados relacionados com o assunto em estudo. Com efeito, prevê-se a elaboração de um caderno de campo, questionários, e uso de recursos como gravador e máquina fotográfica, que de qualquer forma, relate e mostre as experiências sobre os contatos interpessoais com essas mulheres. Os dados coletados junto de entrevistados (as) serão analisados no âmbito da pesquisa qualitativa.

Segundo Minayo (2001) uma pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Porém, reciprocamente este estudo inflige uma essência qualitativa em grande medida, porque contextualiza o maior entendimento do problema a ser analisado. Desse modo, acreditamos que a pesquisa de campo será realizada na Guiné-Bissau, concretamente em Bissau, onde se encontra o problema e as/os sujeitos que constituem esta pesquisa.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O termo clareamento refere-se às várias técnicas de clarear a pele humana. No entanto, para se pensar sobre esse aspecto físico, precisamos discorrer sobre a noção do corpo como um todo, na medida em que, de acordo com Miranda (2011), a questão do corpo, e suas

diferentes expressões e atribuições, configura em um ponto de partida pertinente para uma reflexão acerca do significado político dos diversos pontos que atravessam o conflito identitário na atualidade. Um destes “pontos” diz respeito às diversas nuances do sistema de classificação racial brasileiro, quer seja, por meio da mídia, quer seja pelo culto de uma estética eurocêntrica e classificatória, assim como, por intermédio da valorização dos traços de pertencimento raciais deslegitimados pelos discursos da hegemonia (MIRANDA, 2011, p. 3).

Apesar de Miranda (idem) falar sobre, especificamente, o aspecto racial brasileiro, acreditamos que o mesmo pode, pelo menos em aspectos relacionados com o estigma da cor que pode servir como uma perspectiva comparativa com a sociedade guineense, na medida em que, ambas as sociedades vieram de um processo colonial português, e cada uma, à sua maneira, desenvolveu problemas quanto aos seus processos e marcadores identitários.

Isto porque, Miranda (2011) discorre sobre os efeitos do racismo na trajetória identitária do povo afrodescendente em relação ao próprio corpo, reafirmados através da negação e/ou encobrimento das próprias características raciais. Essa adesão a um “padrão de beleza”, leva o afro-descendente no Brasil à busca de um “ideal identitário” que se converte no repúdio à própria cor e por consequência, a uma recusa do próprio corpo – processo que a autora denomina ideologia do corpo.

Frantz Fanon (2008) demonstra a respeito das funções da classe, que as mesmas estão relacionadas com o conflito por liberação nacional, bem como os mecanismos de dominação usados nos processos colonizatórios e como eles são interiorizados como ‘consciência’ no povo colonizado. Isto porque, como afirma o próprio Fanon (2008) é colonizador quem tem feito e continua a fazer o colonizado, ou seja, o colonizador tira sua verdade, isto é, seus bens, do sistema colonial. Isto porque, todo povo colonizado, isto é, todo povo no seio do qual nasce um complexo de inferioridade, de colocar no túmulo a originalidade cultural local – se situa frente-a-frente à linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. O colonizado se fará tanto mais evadido de sua terra quanto mais ele terá feito seus os valores culturais da metrópole. Ele será tanto mais branco quanto mais tiver rejeitado sua negrura.

Nesse trabalho, questões como a negação de uma determinada epiderme, nesse caso, a pele negra, em favorecimento de uma outra que é considerada como melhor, levanta diversos problemas sociais na Guiné Bissau, que precisam ser compreendidos a partir de um escopo teórico capaz de evidenciar outros questionamentos, e talvez, algumas respostas. Logo, essa questão de clareamento da pele é percebida como um problema racial e sociocultural no país, onde as pessoas optam pela cor de pele mais clara, ou seja, por "peles que não são delas", por

motivos que serão levantados no decorrer desse projeto de pesquisa, sem esquecer que é prejudicial à saúde epidermica.

Com base nisso, tal como W. E. Du Bois apud Munanga (2012) disse: “sou negro e me glorifico deste nome; sou orgulhoso do sangue negro que corre e minhas veias...”. (...) nós, criadores da nossa geração negra, queremos exprimir nossa personalidade sem vergonha nem medo. Se isso agrada aos brancos, ficamos felizes. Se não, pouco importa. Sabemos que somos bonitos. E feios também. O tantã chora, o tantã ri. Se isso agrada à gente de cor, ficamos muitos felizes. Se não, tanto faz é para amanhã que construímos nossos sólidos templos, pois sabemos edificá-los, e estamos erguidos no topo da montanha, livres dentro de nós.”.

Dessa forma, esse ato de clarear, artificialmente, com esses produtos químicos é preocupante, pois sabemos que é um ato totalmente prejudicial à saúde como nos demonstra no artigo elaborado sobre hiperpigmentação publicado na revista científica *Cosmetics & Toiletries* (2002), onde é sinalizado que, essas tentativas de alterar artificialmente a cor da pele, através do seu clareamento ou escurecimento, em que a espessura da pele, os vasos sanguíneos superficiais (dependendo do número e estado de sua dilatação, bem como a sua aproximação com a superfície da pele) e pigmentos como carotenóides afetam a percepção da cor, ou seja, a quantidade de melanina produzida pelos melanócitos que determinam a cor. Conforme o mesmo artigo, vários estudos demonstram as manifestações crônicas que afetam o aspecto pessoal e a satisfação estética ou podemos dizer, insatisfação estética, pois, sabemos que a maioria, ou seja, alguém com uma tonalidade mais escura, ao clarear a pele, fica com algumas partes mais claras e outras escuras (os dedos, os cotovelos, a face).

Por essa via, a pessoa acaba por não ficar totalmente clara e nem mantêm a sua própria cor, sem contar a fragilidade e vulnerabilidade que deixa a pele e, conseqüentemente, com um maior risco de pegar graves contaminações. Toda essa consequência, por causa desses produtos químicos e cosméticos, usados com o objetivo de clarear a pele para adquirir mais privilégios na vida social, sabendo que, muitas das vezes essas "qualidades" nem sequer são avaliadas. Isto porque, como é explicado cientificamente,

Sob outro aspecto, as diferentes raças apresentam características próprias em relação à cor da pele. Observa-se que a hiperpigmentação da pele caucasiana é o resultado de algumas anormalidades no mecanismo enzimático que controla a pigmentação, podendo ser causada por uma variedade de fatores incluindo inflamação, idade avançada, fatores genéticos e distúrbios hormonais. Em compensação, a pele dos asiáticos e negros é normalmente muito pigmentada em razão da alta densidade de melanina e as diferenças na pigmentação entre pele de brancos e negros são devidas

a atividades enzimáticas diferentes (NICOLETTI, ORSINE, DUARTE e BUONO, 2002, p.46).

Ainda segundo Nicoletti, Orsine, Duarte e Buono (2002) isso demonstra que em termos raciais somos diferentes na tonalidade de pele e levando em consideração também a climatização de cada país ou região.

Mesmo porque, no tocante ao racismo, trazemos o histórico e o exemplo de uma modelo do Sudão do Sul, chamada Nyakim Gatwech, que teve um "determinado pesadelo" por causa da sua cor de pele quando chegou aos EUA. Isto porque, a modelo conta que sofreu discriminação na escola quando outras crianças falavam o seguinte: "Você é muito escura, toma um banho" e diziam: "com quem você está falando? Nós não podemos vê-la. Ela não está aqui". A mesma modelo também relata que, uma vez, quando estava usando leggings pretas, ela ouviu dois homens apostando para ver se ela estava usando as calças ou se sua pele era na verdade tão escura. Dessa forma, devido a sua baixa auto-estima, ela chegou a pensar que a solução seria clarear a pele lavando o corpo na água sanitária. Porém, enquanto ouvia na sua escola que ela era feia, ela também era abordada nas ruas por pessoas que apreciavam a sua beleza e lhe aconselhavam, por exemplo, a seguir uma carreira de modelo.

Por fim, ela teve a oportunidade de desfilarem num evento escolar, onde descobriu a sua profissão. Passados alguns anos, ela reviveu mais um momento de discriminação quando o motorista de *uber* que ela caracterizou como "negro de pele clara" fez a seguinte afirmação: "Nossa, você é muito escura", ela respondeu "Sim, sei disso". E o motorista "Você branquearia sua pele por 10 mil dólares?" Nyakim respondeu "Porque eu branquearia essa linda melanina que Deus me abençoou?" o uberista lhe disse que a sua vida seria mais fácil se ela tivesse uma pele mais clara, por isso, ela responde "Mesmo se minha vida ficasse mais fácil, eu prefiro pegar o caminho mais difícil".

Com base nessa situação, Nyakim escreveu no seu instagram a seguinte frase; "Não há nada de errado com a escuridão e ser chamada de rainha é apenas cereja no topo". Dessa forma, o amor próprio da Nyakim se tornou uma influência positiva para muitas mulheres que ainda lutam contra os padrões de beleza ocidentais impostos pela sociedade. Entretanto, enquanto Nyakim influencia de uma forma positiva, a cantora Dense que também vive nos Estados Unidos, exerce uma influência negativa, dado que ela clareou a cor da sua pele e ainda lançou um creme que clareia a pele chamado "*Whitenicious by Dencia*" que tem uma frase que diz "*Say good bye to pigmentation and spots forever*" que traduzido para o português significa: "Dê adeus a pigmentação e as manchas para sempre". A cantora fala que o creme é para tirar as manchas escuras, mas se a pessoa acha que seu corpo inteiro é uma

mancha, pode usar o creme nele todo. Quando criticada por esse posicionamento, ela se defende dizendo que não há problema nenhum de um negro clarear a pele e ainda afirma "O branco significa a pureza".

Dense teve uma resposta pública da atriz Lupita Nyong'o, que revelou que quando era mais jovem, ela se incomodava com sua cor escura onde até pensou em usar um creme clareador, mas aos 30 anos de idade ela percebeu que é um exemplo para muitas meninas. Nessa resposta a Dense, Lupita também falou de uma carta que recebeu de uma jovem negra que lhe dizia assim: "Querida Lupita, acho que você tem muita sorte por ter sucesso em Hollywood mesmo sendo tão negra. Eu estava a ponto de comprar o creme Whitencious da Dense para clarear minha pele, quando você apareceu no meu mundo e me salvou". Por outras palavras, são atos como esses que ajudam na influência positiva sobre as mulheres negras, que sofrem racismo, discriminações, desigualdades, isolamentos e falta de oportunidades que acabam por lhes fazer, por exemplo, entrar em desespero e querer clarear a pele como uma possível solução dos seus problemas. Lembrando que, este fenômeno de clareamento pode levá-las a subir na hierarquia racial e social, para onde possam ser ouvidas ou vistas, pois isso não acontecia quando elas tinham a tonalidade de pele mais escura. Dado que, a questão central desta pesquisa é, exatamente entender o que estimula o clareamento da pele num contexto demográfico majoritariamente negro, como o caso da Guiné-Bissau.

Portanto, gostaríamos de escutar ou ler discursos como os dessa fã da Lupita, assim como, de acordo com a fala da Katy, do movimento *Origens* na Guiné Bissau, ela diz que: "Podemos ter uma pele bonita usando matérias-primas bem africanas e que valorizem as nossas peles. É importante sensibilizar e mostrar que ser bonita/o não significa ter pele clara, mas sim ter uma pele bem tratada e bem cuidada", tal como a auto estima da Nyakim que também disse "Quando posto uma foto, estou dizendo às pessoas que não importa o que você diga, eu amo quem eu sou. Eu amo meu tom de pele. Estou dizendo às pessoas que sou bonita, apesar de parecer diferente da maioria das pessoas neste mundo em que vivo".

7 CRONOGRAMA DA ATIVIDADE

Atividades	Jan 2019	Fev 2019	Mar 2019	Abr 2019	Mai 2019	Jun 2019	Jul 2019	Ago 2019	Set 2019
Elaboração do projeto	X	X	X						
Entrega do projeto			X						
Pesquisa bibliográfica	X	X	X						
Entrega do TCC			X						
Defesa da banca			X						

REFERÊNCIAS

BECKER, S. Howard. **Método de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1993.

CERVO, A. & BERVIAN, P. **Metodologia Científica**. São Paulo: Makron Books, 1996..

CERQUEIRA, Merelyn. Racismo: modelo africana que tentou clarear pele com alvejante após ir morar nos EUA conta superação. **Jornal Ciência**.
<http://www.jornalciencia.com/racismo-modelo-africana-que-tentou-clarear-pele-com-alvejante-apos-ir-morar-nos-eua-conta-superacao>. Acessado em 10-01-2019, às 11:00.

CERVI, Emerson Urizzi. Métodos quantitativos nas ciências sociais: uma abordagem alternativa ao fetichismo dos números e ao debate com qualitativistas. In: **Pesquisa social: reflexões teóricas e metodológicas**. BOURGUIGNON, Jussara Ayres. (org.). Ponta grossa, PR: TODAPALAVRA, 2009. p. 125 a 142.

FALA, Makandal. Ruanda proíbe produtos de clareamento de pele. **NOFI**.
<https://www.nofi.media/2019/01/rwanda/61883?>. Acessado em 08-02-2019, às 15h46.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. 191 p.

GIL, António Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Metodologia e técnicas de pesquisa sociais**. 6.ed. 7.reimpr- São Paulo: Atlas .2016

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** . Petrópolis: Vozes, 2001

MIRANDA, Sheila. **O “feio e o belo”: reflexões sobre os efeitos de uma ideologia do corpo**. *Psicolatina*, 22, 1-8, 201.

NICOLETTI, Maria Aparecida; ORSINE, Eliane Maria de Almeida; DUARTE, Ana Carolina Nogueira; BUONO, Gabriela Arbex. . **Hipercromias: Aspectos Gerais e Uso de Despigmentantes Cutâneos. Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade Paulista – Campus Marquês de São Vicente**. São Paulo, Vol. 14, mai-jun, 2002.

MUNANGA, Kabengele, **Negritude: usos e sentidos**. Bela Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Maria Aparecida Nicoletti, Eliane Maria de Almeida Orsine, Ana Carolina Nogueira Duarte e Gabriela Arbex Buono. **Hipercromia s: C&T Aspectos Gerais e Uso de Despigmentantes Cutâneos. Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade Paulista – Campus Marquês de São Vicente, São Paulo SP, Brasil. Vol. 14, mai-jun 2002.**

Central Intelligence agency. The World Factbook

[.https://translate.google.com/translate?hl=ptBR&sl=en&tl=pt&u=https%3A%2F%2Fwww.cia.gov%2Flibrary%2Fpublications%2Fthe-world-factbook%2Fgeos%2Fpu.html](https://translate.google.com/translate?hl=ptBR&sl=en&tl=pt&u=https%3A%2F%2Fwww.cia.gov%2Flibrary%2Fpublications%2Fthe-world-factbook%2Fgeos%2Fpu.html). Acessado em 15-02-2019, às 11:28.

Programa Domingo Espetacular. A polémica por trás dos famosos negros que mudam seu tom de pele. **RECORDTV**. <https://www.youtube.com/watch?v=tdmE2G17Wr0&feature=youtu>. Acessado em 03-02-2019, às 21:10.